

PROPOSTA DIALÓGICA COM SUJEITOS SURDOS

Maira Cunha¹
Everton Ferrer de Oliveira²
Moara Basso³
Valquíria M. Rios⁴
Ana Paula Cáceres⁵
Melania de Melo Casarin⁶

O trabalho aqui relatado desenvolveu-se no Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão – NEPEs –, iniciou-se no ano de 1998 e teve continuidade no ano 2000, no Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na cidade de Santa Maria, região centro-oeste do Estado do Rio Grande do Sul.

O grupo consistia de quatro adultos surdos, dois adolescentes e treze alunos surdos na faixa etária de 4 a 14 anos. Os adolescentes e adultos freqüentavam as oficinas profissionalizantes e os demais, diferentes níveis de atendimento pedagógico, sendo monitorados pelos alunos estagiários do Curso de Educação Especial – Habilitação em Deficientes da Audiocomunicação, os quais cursavam a disciplina de prática de ensino do 7º semestre letivo.

A ação colaborativa no espaço educativo, assim como as reflexões do trabalho direcionado aos interesses dos alunos foram linhas mestras em nossa prática pedagógica, numa constante interlocução sobre as diretrizes para a educação dos surdos. No entanto, necessitamos adotar estratégias pedagógicas que primem pelo envolvimento dos sujeitos no planejamento, assim como ações reflexivas visando o vivenciar e o replanejar de futuras ações.

Assim, ao reunirmos o grupo, discutíamos sobre as aspirações dos participantes do trabalho que seria desenvolvido. Percebemos que discutir o PLANO para o trabalho, flexível às mudanças oriundas de um embate dialógico, configura-se numa nova situação. A ênfase dada foi a necessidade de que os Surdos nos ensinassem como “didatizar” nossas ações, mesmo com o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras –, teríamos de reorganizar vários conceitos existentes, parte de nossa cultura, porém ainda pensados apenas numa modalidade de comunicação oral-auditiva.

Desta forma, o desafio recaiu sobre a busca de “alternativas” no espaço educativo para reorientarmos nossas ações, transformando-as o máximo

¹Educadora Especial

²Educador Especial e Mestrando em Educação - UFSM

³Acadêmica no Curso de Educação Especial - Habilitação Deficientes da Audiocomunicação - UFSM

⁴Acadêmica no Curso de Educação Especial - Habilitação Deficientes da Audiocomunicação - UFSM

⁵Acadêmica no Curso de Educação Especial - Habilitação Deficientes da Audiocomunicação - UFSM

⁶Professora Assistente no Departamento de Educação Especial - UFSM

possível em verdadeiras práticas emancipatórias; rompendo com o binômio Surdo X Ouvinte; respeitando as diferenças individuais; e reconhecendo-nos como sujeitos históricos, ou seja, que os problemas dos ouvintes também são problemas dos surdos e vice-versa.

Portanto, em resposta as nossas diferenças no desenvolvimento de ações educativas, buscamos implementar o planejamento em três frentes de trabalho, revertendo os interesses dos diferentes níveis do ensino numa comunidade de aprendizagem.

- Trabalho de Área – Denominado em 1998 de Grupo de Ação Colaborativa no Desenvolvimento da Identidade Surda (GACDIS), e no ano de 2000 denominou-se Áreas Temáticas Dialógicas. Este espaço consistia no planejamento de uma atividade integradora entre os sujeitos da prática educativa. Neste momento propiciamos um ambiente lingüístico favorável à aprendizagem de noções, habilidades, conceitos e/ou princípios básicos para vivência em grupo. Compartilhavam destas atividades, de caráter colaborativos, todas as turmas do núcleo, ou seja, desde a educação infantil, passando pela educação de jovens e adultos, até o ensino superior, pois os alunos estagiários integravam o grupo sendo então educandos neste processo. É importante salientar que esta atividade é extensiva às mães e/ou familiares que estivessem dispostos a integrar o trabalho destas manhãs.

A organização das áreas responsabilizava cada acadêmico a planejar previamente os recursos materiais e didáticos de uma temática significativa, já anteriormente manifestada pela comunidade discente nos encontros de discussão e reflexão sobre a prática educativa. Foram trabalhados temas como: cultura baiana, folclore gaúcho, transporte aéreo com visitaçao da Base Aérea da cidade de Santa Maria, noções de astronomia com visitaçao ao Planetário da UFSM. As metas desta proposta ficavam em torno de construir um espaço privilegiado de relações interpessoais dialógicas, que proporcionasse uma via de acesso para a construção colaborativa de novos conhecimentos e habilidades, com uma permanente avaliação para as propostas.

Desenvolver atividades oriundas segundo a educação dialógica de matriz freireana em sintonia com o campo de pesquisa que era a investigação-ação educacional emancipatória, resgatando e fortalecendo a formação dos acadêmicos do Curso de Educação Especial e dos demais envolvidos no processo.

Investigar sobre os importantes aspectos da dinâmica social escolar, pois todo o empreendimento realizado em um trabalho científico é sistematizado pelo ato de investigar.

Oportunizar uma prática que resgate a sala de aula como um instrumento auxiliar na formação da identidade surda, confirmada a relação entre os pares surdos. Quando nos referimos à represen-

tação da identidade surda precisamos afastar a idéia de normalização, isto é, não devemos trabalhar o sujeito surdo do ponto de vista do sujeito ouvinte, a fim de buscar a sua identidade pautada em sua alteridade cultural.

- Grupo de Pais de Surdos (GPS) e Grupo de Educação de Jovens e Adultos (Gejas) – Buscamos discutir os problemas encontrados na Educação de Surdos, investigando os temas da realidade, procurando ter compreensão das questões que nos instigavam. Daí a necessidade de rompermos com a “diretrizes limítrofes” do ensino, considerado especial, onde a dialogicidade não é instaurada em consequência da superficialidade com que as temáticas são tratadas, bem como a concepção equivocada de que o profissional “especializado” atua com a deficiência do indivíduo.

Sabemos que as políticas educativas não dependem única e exclusivamente dos agentes envolvidos no processo educacional, mas também com a comunidade, e de políticas públicas educacional governamental, condições para a qualidade do trabalho pedagógico.

Os sujeitos da educação criam alternativas como esta aqui relatada para desenvolverem investigações na prática educacional buscando, desta forma, contribuir na transformação da realidade, onde o fator educativo é apenas um componente do processo da construção da cidadania, onde o diálogo no espaço educativo é um dos fatores que permite vivenciarmos, discutirmos e refletirmos, abrindo a possibilidade de uma educação potencializadora da contribuição entre os sujeitos da educação.

No caso aqui relatado, a comunidade surda, principalmente os adultos surdos, tiveram a oportunidade de participar das atividades pedagógicas pautadas na relação dialógica, essência da educação como prática da liberdade. Observamos que os recursos expressivos da língua só são significativos quando os envolvidos buscam a construção de dinâmicas interativas que permitam o “usufruir” da linguagem, paralelo à constituição de um espaço de trabalho que permita acontecer o verdadeiro domínio da linguagem por parte dos envolvidos, ou seja, um processo esculpido pelo diálogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.

TESKE, O . **A Dialogicidade como processo emancipatório na escuta das comunidades surdas numa perspectiva freireana**. Congresso Internacional de Educação Paulo Freire: ética, utopia e educação. São Leopoldo. Unisinos, 1998.